



ENTRE NÓS: TECENDO UMA VERSÃO DE DIVULGAÇÃO POÉTICA DOS FRAGMENTOS DE SAFO ENTREMADA ÀS CONTROVÉRSIAS DA "GRANDE QUESTÃO"

Maria Carolina Scartezini Cruz⁵¹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

Este artigo divulga parte dos resultados finais da pesquisa “*Entre nós: experimentos-rituais de divulgação poética afetados pela corporreativação de escritas sáficas*” realizada ao longo do mestrado em Divulgação Científica e Cultural concluído por esta autora no Labjor/Unicamp, em novembro de 2020. Durante a elaboração dessa dissertação, tornou-se possível a criação de uma *versão* (DESPRET, STENGERS, et al. 2014) de divulgação poética que, sendo tecida em *parceria* (STENGERS, 2017) com os fragmentos da poeta grega arcaica Safo (séc. VII-VI AEC), pode ajudar a tramar, fazendo encontros entre as *ficções de Safo* (DEJEAN, 1989) já existentes, um caminho para fora das disputas da vontade de *poder-sobre* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) envolvidas na “Grande Questão” que vem contrapondo historicamente os estudiosos do tema: Safo de Lesbos *ou* Safo Lésbica? Para fora, mas sem abandonar as versões já existentes, muito pelo contrário: aprendendo a *poder-com* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) elas, criando possibilidades de *reativar* (STARHAWK, 1999; STENGERS, 2008, 2017) entre elas o que antes estava dividido e classificado nos dois lados dessas disputas. Abrir passagem para esse caminho de encontros entre diferentes pede também que a própria pesquisa se permita estar sempre em aberto, tocada e transformada pelas potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – tecendo junto com modos diversos de ser uma *amadora* (DESPRET, STENGERS, et al. 2014) de poesias e de mulheres pelo meio da escrita.

Palavras-chave: Safo. Feitiçaria. Poesia Erótica. Ficção. Escritoras.

Abstract:

This article discloses part of the final results of the research “*Between us: experiments-rituals of poetic dissemination affected by the body-reclaiming of Sapphic writings*” carried out during the master’s degree in Scientific and Cultural Communication concluded by this author at Labjor/Unicamp, in November 2020. During the elaboration of this dissertation, it became possible to create a *version* (DESPRET, STENGERS, et al. 2014) of poetic dissemination that, being woven in *partnership* (STENGERS, 2008, 2017) with the fragments of the archaic Greek poet Sappho (VII-VI BCE), can help to plot, by interlacing the *fictions of Sappho* (DEJEAN, 1989) already existing, a way out of the disputes of the will to have *power-over* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) involved in the “Great Sappho Question” that has historically been opposing scholars on the subject: Lesbian Sappho *or* Sappho of Lesbos? Going outward those already known ways, but without abandoning those versions that already exist, quite the contrary: learning to have *power-with* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) them, creating possibilities of *reclaiming* (STARHAWK, 1999; STENGERS, 2017) what before was divided and classified between the two sides of those disputes. Opening a way to this path of encounters between differences also requires that research allow itself to be always open, touched and transformed by the Sapphic – Erotic and Aphrodisiac – potencies weaving together with different ways of being an *amateur* (DESPRET, STENGERS, et al. 2014) lover of poetry and women through writing.

Keywords: Sappho. Witchcraft. Erotic Poetry. Fiction. Women Writers.

⁵¹ Bruxa da palavra. Amadora profissional. Mestra em Divulgação Científica e Cultural pelo Labjor/Unicamp. E-mail para contato: carolscartezini@gmail.com.



1. Entre uma poeta memorável e uma memorável amante de mulheres

Restam-nos apenas pequenos fragmentos do que um dia pode ter sido uma verdade absoluta e inquestionável acerca de quem foi a poeta grega arcaica Safo de Lesbos (VII-VI AEC). Da mesma forma que a poesia dela – que também nos chegou fragmentária, enigmática, perfeitamente permeável por especulações diversas – a figura de Safo parece seguir seduzindo tanto pelo que se nega a revelar, quanto pelos raros vislumbres cintilantes e multicoloridos que oferece de si.

Entre centelhas de composições poéticas atribuídas a ela, que resistiram ao esquecimento fixadas na precariedade de restos de registros realizados em épocas já posteriores à produção de Safo, se encontram breves anotações sobre a vida e a obra dela escritas por outros autores – a maioria homens – e todos igualmente de tempos e lugares diferentes dos dela mesma. Estes possíveis fragmentos biográficos se mostraram, ao longo dos séculos, bastante duvidosos e potencialmente embasados, ao menos em parte, em diferentes obras ficcionais, algumas da própria Safo e outras sobre ela (DEJEAN, 1989; LARDINOIS, 1989; BRASIL FONTES, 2003; BIERL & LARDINOIS, 2016; dentre outros).

Pelo meio desses fragmentos de composições dela e de escritos sobre sua vida e poesia, uma característica em especial tem sido, há milênios, alvo de intensos debates, muitas censuras e frequentes tentativas ora de total apagamento, ora de entusiástica exaltação: há sinais mais ou menos sutis do que hoje seria considerado – e nomeado em referência à ilha de origem da própria poeta em questão – lesboerotismo.

Nesse contexto, uma pessoa que agora se proponha a adentrar os estudos acadêmicos sobre a célebre poeta lésbia acaba se deparando com a seguinte disputa: de um lado, estudiosos e estudiosas que se esforçam para chamar à atenção apenas para a notável qualidade literária dos fragmentos poéticos e dissociar, frequentemente às custas de novos apagamentos e contradições, a imagem e a poesia de Safo da ideia de amores lésbicos – no sentido contemporâneo da palavra; do outro, estudiosos e estudiosas que, envolvidos nos estudos de gênero e sexualidade e frequentemente também na militância lesbofeminista, fazem o extremo oposto e reforçam os sinais de lesboerotismo, às vezes, às custas de excessos de interpretação e anacronismos.

De fato, não parece justo à uma amante da poesia tomar uma única característica como ponto exclusivo de interesse nos fragmentos de Safo, eclipsando todo o resto, inclusive o brilhante empenho da técnica do qual a poeta se mostra capaz (BRASIL FONTES, 2003; RAGUSA, 2005). Entretanto, tampouco parece justo a uma amante de mulheres menosprezar



a importância de Safo como antepassada mítica para aquelas que tiveram seus próprios amores adjetivados – tanto pejorativamente, quanto orgulhosamente – como sáficas e lésbicas graças aos tais sinais mais ou menos sutis presentes na poesia dela (LEITE, 2017a, 2017b, 2018).

2. Entre uma intangível Verdade Absoluta e inúmeras f(r)icções verdadeiras

Contrária a abandonar qualquer precioso fragmento de Safo pelo caminho, foi entre esses dois lados da “Grande Questão” que a escrita “*pulsante, ainda que imperfeita*” (HILST, 2017, p. 451) de uma dissertação desejou – e segue desejando – nascer. Porém, para que isso se fizesse um possível, foi necessário primeiro compreender que caminhos diferentes exigem diferentes modos de caminhar para ganharem existência.

Apenas repetindo – ou contradizendo – as *ficções de Safo* (DEJEAN, 1989) já contadas, a pesquisa só conseguiria ir e vir pelo que já estava dito, refazendo ou desfazendo aqueles percursos bastante conhecidos e contraditórios. Tais movimentos levariam fatalmente à velha escolha: *ou* a Safo de Lesbos, *ou* a Safo lésbica e à triste necessidade de aceitar que “*Acabou-se, não há mais que ver, é tudo igual*” (SARAMAGO, 1998, p. 24). Entretanto, simplesmente rejeitar todos os passos de quem havia antes desejado ir ao encontro de uma verdade sobre Safo levaria a escrita ao terrível risco de se afastar ainda mais da poeta e da poesia dela – e talvez as perder por completo.

Então, foi preciso parar e, diante de tal encruzilhada, pedir sabedoria e coragem às divindades guardiãs de caminhos e caminhantes e recorrer aos conselhos de quem, por razões e paixões diversas, também precisou aprender a caminhar entre as divisões e classificações estabelecidas. Assim, a escrita da dissertação foi ouvir o que a filósofa das ciências Isabelle Stengers e a bruxa e ativista por ela convocada para pensar junto, Starhawk, tinham a dizer sobre a questão.

Quando confrontada com situações nas quais algo precioso para ela se encontrava em risco de envenenamento dentro de um meio no qual alguns se julgavam capazes de determinar se algo poderia existir e ser considerado verdadeiro e aceitável ou não – à revelia deste “algo” e de outras partes nele interessadas (STENGERS, 2008, 2017) –, Stengers se propôs a algumas experimentações bastante ousadas e peculiares. Dentre elas, a proposição de um modo de recuperar um fazer científico diferente daquele praticado pelo que ela chama de Ciência com C maiúsculo.

Segundo ela, essa Ciência teria como marca uma herança da Inquisição – a ideia de que os seus verdadeiros cientistas seriam os únicos com poder para determinar, de cima e de fora,



o que teria direito a *realmente* existir neste mundo. Ou seja, os únicos capazes de descobrir, entender e explicar, apenas pelo uso da razão, a Verdade Absoluta sobre todas as coisas *realmente* existentes – e derrubar o resto. Os únicos autorizados a apontar os outros como portadores de meras crenças, enquanto eles mesmos seriam os detentores do saber válido e legítimo.

A proposta de Stengers é que um trabalho científico capaz de resgatar uma possibilidade de *aventura das ciências* (STENGERS, 2017), no plural e com minúscula, busque, ao invés do estabelecimento de uma Verdade Absoluta sobre algo que apenas confirme o que os cientistas querem comprovar sobre o objeto de pesquisa, uma *realização experimental*:

Uma realização experimental pode ser caracterizada como a criação de uma situação que permita que aquilo que os cientistas questionam ponha em risco as perguntas feitas por eles, estabelecendo uma diferença entre perguntas relevantes e perguntas unilateralmente impostas. O que é chamado de objetividade pelos cientistas experimentais depende, portanto, de uma arte criativa muito particular e muito seletiva, pois significa que aquilo de que tratam deve ser devidamente admitido como “parceiro”, dentro de uma relação bastante incomum e enredada. Na verdade, o papel desse parceiro não é apenas responder a perguntas, mas também, e primordialmente, responder a elas de uma maneira que teste a relevância da pergunta em si. Correlativamente, as respostas que se seguem a essas realizações não devem nunca nos apartar do que quer que seja, visto que elas sempre coincidem com a criação de novas perguntas, e não com novas respostas dotadas de autoridade para perguntas que já nos eram importantes. (STENGERS, 2017, p. 04)

De acordo com essa proposição, a escrita da dissertação decidiu correr o risco de tomar os fragmentos de Safo e as ficções que já haviam sido contadas sobre ela como *parceiros* de experimentação, dando a eles iguais poderes de afetar a pesquisa – e de serem afetados por ela. Nesse ponto, os conhecimentos de magia e ativismo de Starhawk se tornaram vitais, pois se mostraram necessárias a criação de um espaço sagrado e protegido no qual esses afetos pudessem ser trocados, *em perfeito amor e perfeita confiança* e a de experimentos-rituais nos quais encontros potentes pudessem acontecer.

Starhawk (1999) e as demais *bruxas da palavra* (HORTA, s/d; SCARTEZINI CRUZ, 2020) que foram se sentindo convocadas a participar desses atos mágicos ensinaram à pesquisa e à pesquisadora a importância de invocar, junto com as potências da razão, também as potências do espírito, da emoção, da ação e do divino, para que juntas essas potências ajudassem a escrita a criar e sustentar um círculo mágico para proteger tanto os encontros que se dariam dentro dele, quanto o entorno no qual esse círculo estaria inserido.

Assim, ficou combinado que o que quer que pudesse acontecer na dissertação teria seu reconhecimento assegurado como verdadeiro dentro da própria pesquisa, meio do qual aquelas formas de vida geradas nos encontros com fragmentos e ficções de Safo que estavam



começando a dar sinais de si provavelmente dependeriam para viver com saúde e alegria. Logo, se acolheria, com igual dignidade, aquilo que viesse das razões, das fés, das emoções, das práticas e sensações, das intuições e inspirações de todas as parceiras de experimentos-rituais. E não se tentaria impor nenhuma Verdade Absoluta nem para dentro, nem para fora da dissertação.

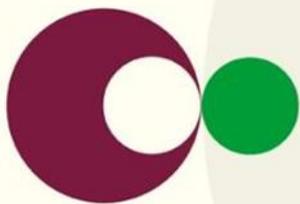
Starhawk (1999) trouxe consigo ainda outro conhecimento mágico muito importante para essa escrita que estava desejosa de habitar um caminho entre os dois lados da “Grande Questão”: é parte importante do trabalho da Deusa que uma bruxa seja capaz de transitar entre dois mundos – um visível pela consciência comum e um invisível, mundo dos possíveis no qual a magia pode acontecer. Para isso, é preciso que ela aprenda a se alternar entre dois modos de percepção: uma visão focal como a luz de uma lanterna e outra visão difusa como a permitida sob a luz cintilante das estrelas:

A consciência comum vê o mundo como fixo; concentra-se em uma coisa de cada vez, isolando-a de seus arredores, de um modo semelhante ao de quem vê uma floresta escura sob a luz de uma lanterna estreitamente focada que ilumina uma folha solitária ou uma pedra solitária de cada vez. A consciência extraordinária, o outro modo de percepção que é amplo, holístico e indiferenciado, vê padrões e relações em vez de objetos fixos. É o modo da visão sob a luz das estrelas: difuso e prateado, revelando o jogo dos ramos entrelaçados e a dança das sombras, percebendo caminhos como espaços no todo.⁵² (STARHAWK, 1999, p.42)

Para as bruxas, ambas essas visões são igualmente importantes e úteis, dependendo da situação em que uma bruxa se encontra. No caso desta pesquisadora, foi necessário aprender a transitar entre elas, podendo às vezes focar em um fragmento ou ficção específico para tornar notáveis seus detalhes e peculiaridades e, outras vezes, olhar sob a visão que permite enxergar padrões e conexões para além das formas isoladas pelas divisões e classificações pré-existentes.

Tomando os fragmentos e ficções de Safo como parceiros, estando com eles em perfeito amor e perfeita confiança, ora sob a luz da lanterna, ora sob a luz das estrelas, compartilhando *poder-com* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) eles ao invés de tentar impor uma Verdade Absoluta, um *poder-sobre* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) eles, tornou-se possível tentar uma *reativação*

⁵² Tradução minha. No original: “Ordinary waking consciousness sees the world as fixed; it focuses on one thing at a time, isolating it from its surroundings, much like viewing a dark forest with a narrow flashlight beam that illuminates a lone leaf or a solitary stone. Extraordinary consciousness, the other mode of perception that is broad, holistic, and undifferentiated, sees patterns and relationships rather than fixed objects. It is the mode of starlight: dim and silvery, revealing the play of woven branches and the dance of shadows, sensing pathways as spaces in the whole.” (STARHAWK, 1999, p. 42)



(STARHAWK, 1999; STENGERS, 2008, 2017) entre o que antes estava dividido e classificado entre os lados opostos nas disputas. Segundo Stengers,

Reativar é uma aventura tanto empírica quanto pragmática, porque não significa principalmente recuperar o que foi confiscado, mas sim aprender o que é preciso para habitar novamente o que foi devastado. Reativar de fato associa irreduzivelmente "curar", "reapropriar-se", "aprender/ensinar novamente", "lutar", "tornar-se capaz de restaurar a vida onde ela foi envenenada", e exige que aprendamos a fazê-lo para cada zona de devastação, cada zona da terra, de nossas práticas coletivas e de nossa experiência.⁵³ (STENGERS, 2008, p.58)

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. (STENGERS, 2017, p.08)

Em meio às diversas tentativas de cada ficção de Safo se impor como Verdade Absoluta sobre todas as outras, e poder determinar, de uma vez por todas, o que Safo pode ter sido ou não, o que pode ter existido na poesia e na vida dela ou não, estudiosos e estudiosas como Joan DeJean (1989) tornaram notável que, à luz das estrelas, longe de realizarem aquilo a que se propunham, cada uma dessas tentativas acabou dizendo mais sobre onde, quando e por quem ela foi defendida do que algo *realmente* indiscutível sobre como devem ter sido Safo, a Lesbos em que ela viveu, a poesia por ela composta e as companheiras às quais os fragmentos fazem referências.

Embora a pesquisa tivesse se comprometido logo de início a não tentar impor nada para dentro ou para fora de si mesma, para uma reativação era preciso, então, descobrir um outro jeito de ocupar um lugar nesse terreno perigoso, entre as ficções de Safo já existentes. Para tanto, a escrita decidiu assumir que ela também diria mais sobre a pesquisadora, o contexto no qual ela estava se criando, as razões, paixões e palavras do tempo dela, porém, muito consciente de que isso levaria, na melhor das hipóteses, apenas ao surgimento de mais uma *versão* (DESPRET, STENGERS et al., 2014) de Safo, tão possível e verdadeira quanto qualquer uma das já contadas.

Uma ficção assumida, nada neutra e muito bem *situada* (STENGERS, 2008, 2017) que não deseja ser outra coisa além do que ela é – e *entendida*, como as bruxas que a tocaram e transformaram, de que uma ficção não é o oposto de uma verdade, apenas uma verdade de outra

⁵³ Tradução minha. No original: "Reclaiming is an adventure, both empirical and pragmatic, because it does not primarily mean taking back what was confiscated, but rather learning what it takes to inhabit again what was devastated. Reclaiming indeed associates irreducibly "to heal", "to reappropriate", "to learn/teach again", "to struggle", to "become able to restore life where it was poisoned", and it demands that we learn how to do it for each zone of devastation, each zone of the earth, of our collective practices and of our experience."



natureza. Uma verdade capaz de poder-com outras verdades, fazer fricções com elas, sem precisar tentar se impor como mais *realmente* verdadeira do que as outras.

Outra revelação que a luz das estrelas sutilmente iluminou foi que a mesma matéria na qual se fundava a “Grande Questão” e que separava e classificava os trabalhos sobre Safo era também o que ambos os lados da divisão tinham em comum: paixão. Tanto paixão das próprias pesquisadoras e pesquisadores, quanto a paixão que é abundante nos fragmentos de Safo e na maioria das ficções que se criaram a partir deles.

À pesquisa, parecia coerente e justo que fosse assim, uma vez que a poeta em questão conseguiu vencer o esquecimento – a pior das mortes (RAGUSA, 2018) – e chegar até nós principalmente graças à boa fama conquistada por uma invocação sua à Afrodite (BRASIL FONTES, 2003; RAGUSA, 2005), a deusa grega do amor erótico.

3. Entre fins e recomeços

Reconhecendo as potências eróticas e afrodisíacas que, *como o vento que se abate sobre os carvalhos na montanha*⁵⁴, trespassavam os fragmentos e ficções de Safo, a pesquisa pôde finalmente aprender a também se deixar atravessar por essas potências e se desfazer de paixão, como a amadora voz poética feminina do fr. 31 de Safo que, diante da mera visão da sua amada, perde de um só golpe todo o senso e os sentidos.

Perdida de amor erótico, a escrita da dissertação se tornou também mais uma *amadora* (DESPRET, STENGERS et al. 2014) totalmente desprovida de autoridade em qualquer um dos lados da “Grande Questão”, porém, como ambos, completamente apaixonada por Safo (e por outras composições e por outras compositoras e...). Seguindo os passos de Vinciane Despret e Isabelle Stengers,

Lembramos que a palavra tem o amor, *amare*, como sua raiz. Um tipo de amor bastante especial, de fato, que não sonha com a fusão – *mas sim com a criação de uma relação com o que faz a singularidade do que se ama*. Sim, nós éramos amadoras oportunistas, sem vergonha, intrometidas em campos onde nossa autoridade não era reconhecida, chamadas pelo sentimento de possibilidade, por eventos que despertam o senso de aventura onde os dilemas parecem inescapáveis. E nos perguntamos se poderíamos fabular esse amor “como mulheres”, como parte de uma luta pelo que é viver, pelo que pede para viver, para se ramificar, para se conectar, e não pela verdade, se essa verdade exigir que as outras sejam reconhecidas como conquistadas.⁵⁵

⁵⁴ *como o vento que se abate sobre os carvalhos na montanha, [Eros me trespassa]*. (SAFO, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 407).

⁵⁵ Tradução minha. No original: “We remembered that the word has love, *amare*, as its root. A rather special kind of love, indeed, which does not dream of fusion—but rather of the creation of a relationship with what makes the singularity of what one loves. Yes we were opportunist amateurs, shamelessly meddling in fields where our authority was not recognized, called by the feeling of possibility, by events that awaken the sense of adventure



(DESPRET, STENGERS et al., 2014, p. 69. O primeiro grifo é das autoras. O segundo, meu.)

A criação de tal qualidade de relação com os fragmentos e ficções de Safo reclamou que a pesquisa desse muitos corpos diversos para serem tomados pelas potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – corpos que se permitissem ser inspirados divinamente por essas potências para seguirem gerando amores, encontros, poemas, canções, imagens e outras f(r)icções.

Assim, muitas mulheres de pele e de papel, de paixões e de palavras, e também algumas ilhas, fotografias e gravações musicais – além de algumas Divindades, como Afrodite e Oxum – ofereceram suas superfícies para trocaram *toques-e-transformações* com essas potências amorosas e criativas, como no canto mágico da Deusa Kore⁵⁶ reativado por Starhawk e Stengers: *She changes everything She touches, and Everything She touches, changes.* (STARHAWK, 1999, p. 115; STENGERS, 2017, p.12).

Pelo meio dessas corporreativações poéticas, a pesquisa foi ao encontro de Minha Safo e da Lesbos dela, não daquelas que ficaram inacessíveis num passado quase impossível de se desvendar, mas, sim, daquelas que foram se fazendo possíveis, que estavam naquele futuro que tocara desde o início da escrita o ombro dessa dissertação pelas costas (SARAMAGO, 1998) e que se fizeram presentes em cada um dos experimentos-rituais praticados.

Movida pela força do desejo lesboerótico por mais encontros sáficos entre essas versões de Safo e de Lesbos sempre em *devir* (DELEUZE, 1997), uma divulgação poética pôde, enfim, acontecer ao longo de todo o caminho percorrido por pesquisadora e pesquisa. Uma divulgação que se fez poética não por levar uma poesia já existente a quem não a tivesse antes, mas sim por se oferecer como espaço para que as potências sáficas pudessem se manifestar *de novo, outra vez, agora* e tecer com as participantes uma poesia lésbica – em ambos os sentidos do termo – igualmente em devir.

Referências

BIERL, A; LARDINOIS, A(ed.). *The Newest Sappho: P. Sapph. Obbink and P. GC inv. 105, frs. 1–4. Studies in Archaic and Classical Greek Song*, vol. 2, Leiden ; Boston : Brill, 2016. Disponível em: <https://brill.com/view/title/32801?lang=en> . Acesso em: 25 fev. 2022.

where dilemmas seem inescapable. And we asked ourselves if we could fabulate that love “as women,” as part and parcel of a struggle for what is living, for what asks to live, to branch out, to connect, rather than for the truth, if that truth demands that the other be recognized as conquered.”

⁵⁶ *Ela transforma tudo o que ela toca, tudo o que Ela toca se transforma.* Para ouvir o canto: KORE CHANT. Intérpretes: Reclaiming collective & friends. Compositores: canto tradicional. In: Reclaiming – Chants: Ritual Music. Reclaiming, 1997. Disponível em: <https://youtu.be/gOZPVutpYj4> Acesso em 25 fev. 2022.



BRASIL FONTES, J. *Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.

DEJEAN, J. *Fictions of Sappho: 1546-1937*. [S. l.]: The University of Chicago Press, 1989.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DESPRET, V.; STENGERS, I. *et al. Women who make a fuss: the unfaithful daughters of Virginia Woolf*. Minneapolis, EUA: Univocal Publishing, 2014.

HILST, H. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HORTA, M. T. *Anjos mulheres*. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> . Acesso em 25 fev. 2022.

LARDINOIS, A. *Lesbian Sappho and Sappho of Lesbos*. 1989. Disponível em: https://www.academia.edu/42216289/Lesbian_Sappho_and_Sappho_of_Lesbos Acesso em 25 fev. 2022.

LEITE, L. B. R. Quando a “Décima Musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, Dezembro, 2017a. p. 564-578. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/1072> . Acesso em 25 fev. 2022.

_____. Safo de Lesbos: ícone lésbico? *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*. Florianópolis, 2017b.

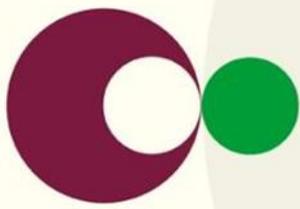
_____. *Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e ideias da existência de uma voz feminina: reflexões sobre História, Linguística e Literatura*. 2009. 177 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1609187> . Acesso em: 25 fev. 2022.

RAGUSA, Giuliana. *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

_____. Memória, a terra prometida dos poetas: o tema na métrica grega arcaica. *Forma Breve: Revista de Literatura*, Aveiro, ano 2018, v. 1, n. 15, p. 143-152, 2018. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/issue/view/241> . Acesso em 25 fev. 2022.

SARAMAGO, J. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCARTEZINI CRUZ, M. C. Entre nós: experimentos-rituais de divulgação poética afetados pela corporreativação de escritas sáficas. 2020. 1 recurso online (201 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640508> . Acesso em: 25 fev. 2022.



STARHAWK. *The Spiral Dance: a Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess*. 3. ed. Nova Iorque, EUA: HarperCollins, 1999.

STENGERS, I. *Experimenting with refrains: subjectivity and the challenge of escaping modern dualism*. *Subjectivity*, v. 22, pp. 38–59, mai. 2008. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/sub.2008.6> . Acesso em 25 fev. 2022.

_____. Reativar o Animismo. *Caderno de Leituras*, n. 62, mai. 2017. Disponível em: <http://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-62-reativar-o-animismo/> . Acesso em 20 fev. 2022.